

DIAMOND, JARED. ARMAS, GERMES E AÇO: OS DESTINOS DAS SOCIEDADES HUMANAS.

Ely Bergo de Carvalho

Doutorando pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

O livro *Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas* é um fenômeno editorial. Publicado em 1997, nos Estados Unidos, ganhou o prêmio Pulitzer de 1998, e já foi traduzido para vários idiomas, vendendo milhões de exemplares e inspirando, inclusive, programas para a TV. No Brasil foi publicado pela Editora Recod e já está na quinta edição. Tal sucesso editorial indica um desafio, a saber, a demanda por estudos históricos das relações entre os seres humanos e seus ambientes. Para os historiadores profissionais, o livro alerta, principalmente, para a necessidade de se incorporar os elementos naturais nas explicações dos processos históricos.

A pergunta que o livro se propõe a responder foi feita a Jared Diamond por Yali, um nativo da Nova Guiné, na década de 70: “Por que vocês, brancos produzem tanto ‘cargos’ e trouxeram tudo para a Nova Guiné, mas nós negros, produzimos tão pouco ‘cargos’?”¹ Cargo é o nome dado pelos nativos a parafernália que se necessita para viver, ou seja, aos objetos técnicos. Diamond refina e reduz a pergunta, argumentando que no final da última glaciação, a 11 mil anos, todas as sociedades do planeta eram caçadoras-coletoras, com objetos técnicos semelhantes e, que no momento da conquista das Américas pelos europeus, já havia uma grande assimetria entre a Eurásia e o restante do mundo, portanto ele se concentra em explicar como se deram estes “ritmos diferentes de desenvolvimento”, entre a Eurásia e outras regiões do globo, entre a última glaciação e 1492.

A tese do autor está baseada em algumas variáveis básicas, como o tamanho da área e o isolamento, quanto maior a área e menos isolada maior é a tendência para o desenvolvimento de “cargos”. Pois ele supõe um processo contínuo de lutas entre as sociedades, com a sobrevivência delas, com técnicas e organizações e maior capacidade de subjugar as demais, pois mesmo que haja relações de solidariedade entre povos diferentes, em grandes extensões com contato relativamente fácil, a tendência é, mais cedo ou mais tarde, as sociedades mais fortes se sobreporem. Na Eurásia houve uma maior produção, difusão e manutenção de tecnologias, do que nas isoladas África Negra, Oceania e, mesmo nas Américas, com a América do Sul relativamente isolada do resto do continente pelo istmo do Panamá, bem como a América Central e o

México separados do restante da América do Norte por vastos desertos. Além disto, a disposição latitudinal da Eurásia favorece a difusão de tecnologias, pois em latitudes semelhante há climas relativamente semelhantes, enquanto a América, por exemplo, tem seu eixo no sentido longitudinal, gerando uma dificuldade extra para difusão de tecnologias, porque tem ambientes mais diferenciados. A agricultura é a grande tecnologia a gerar a assimetria entre os povos, por sua vez, para o autor, a agricultura tem início, primeiro nas áreas em que havia uma maior quantidade de plantas e grandes mamíferos domesticáveis, ou seja, no Crescente Fértil e na China. As vantagens nutricionais de emprego no trabalho e na guerra destes animais deram uma grande vantagem para as populações destas regiões. Enquanto na América, Oceania e na África havia um pequeno número de grandes mamíferos domesticáveis. Os “germes” que seriam a maior desvantagem da presença destes animais, uma vez que grande parte dos patógenos que milenarmente dizimam as populações humanas tem origem em animais domésticos, se transformam em uma vantagem relativa quando estas populações euro-asiáticas (que possuíam mais patógenos por possuírem mais animais), travaram contato com aquelas populações com menos “carga”, que estavam relativamente “isoladas”, então, tais doenças foram uma grande vantagem competitiva ao eliminar tais populações, muitas vezes sem força bruta, apenas pela presença do estrangeiro.

No final da obra, Diamond aponta alguns fatores ambientais pelos quais, dentro da Eurásia, foi na Europa que, nos últimos 500 anos, se concentrou a produção de “carga” e o poder de controlar outros povos. Os outros centros da Eurásia eram o Crescente Fértil e a China. No caso do Crescente Fértil há um fator patente, a salinização gerada pela irrigação e o desflorestamento que transformaram uma região de bosques no que é hoje, uma área desertificada. “O Crescente Fértil e as sociedades mediterrâneas orientais tiveram, portanto, o azar de nascer em um ambiente ecologicamente frágil. Cometeram um suicídio ecológico destruindo sua própria base de recursos”.² A perda de liderança da China como principal região difusora de “carga”, a partir do século XVI, é mais difícil de explicar. Para o autor, o principal fator ambiental foi sua geografia relativamente unificada, o fácil contato entre as várias regiões que compõem a China teria, num primeiro momento, facilitado o desenvolvimento de tecnologias, mas com a unificação política, os governos centralizados poderiam impedir a concorrência e decidir paralisar e até abandonar algumas tecnologias. Já na Europa, as “barreiras (do seu litoral entrecortado e suas cadeias de montanhas) [...] eram suficientes para evitar a unificação política, mas insuficientes para deter a expansão de tecnologia e idéias.”³

O próprio Diamond reconhece que diante de seus argumentos, certamente alguns apontariam para um certo determinismo ambiental. Todavia, o autor esclarece que tem ciência de ter apontado causas necessárias, mas não suficientes para explicar o fenômeno por ele analisado:

Na melhor das hipóteses, este livro identifica vários grupos de fatores ambientais que, acredito, fornecem uma boa parte da resposta à pergunta de Yali. O reconhecimento desses fatores enfatiza o resíduo inexplicado, cuja compreensão será uma tarefa futura.⁴

Desta forma ele, por exemplo, reconhece a existência de elementos culturais que não tem uma relação direta com o ambiente e que interferem no processo por ele estudado. Formando um “resíduo inexplicado”, o qual não se propõe a explicar, por exemplo: “Por que o proselitismo religioso (cristianismo e islamismo) era uma força motriz da colonização e da conquista entre os europeus e os asiáticos ocidentais, mas não entre os chineses?”.⁵

Todavia, o problema está justamente em considerar como “resíduo” esta parte não explicada por ele. Pois a idéia de “resíduo” pode nos levar a pensar que lá está a menor parte e, portanto, a maior parte já teria sido apontada por ele ao indicar os fatores ambientais que favoreceram o acúmulo de “carga” na Eurásia.

Diamond afirma que desde a “tentativa de Toynbee [*A Study of History*, 1934-1961], as sínteses das causas históricas em todo mundo caíram em desgraça entre a maioria dos historiadores, por apresentar um problema aparentemente intratável”.⁶ É correto que as “grandes narrativas” foram praticamente abandonadas pelos historiadores, mas é incorreto pensar que eles abandonaram a pergunta de Yali. Apenas passaram a buscar, em várias práticas sociais, econômicas, políticas e culturais, as respostas para a pergunta de Yali, em debates que vão desde a formação do capitalismo⁷ até o papel do cristianismo no controle da natureza.⁸ O resultado disto foi um processo de complexificação da questão, pois ao invés de procurar uma resposta única baseada em um elemento chave que pressupõem que a realidade seja simples, houve a busca de uma pluricausalidade não linear. Apesar de ter ocorrido, efetivamente entre os historiadores, um relativo abandono das variáveis ambientais, o que contribuiu para simplificar as explicações.

Em geral quando um autor de uma determinada área vai escrever sobre a outra, ele corre sempre o risco de parecer “ingênuo”. Diamond, apesar de impressionar por sua erudição, acaba por enfatizar as variáveis ambientais e simplifica as variáveis sócio-culturais. José Augusto Drummond já apontou que Diamond não fez o seu “dever de casa”, ao discutir como as sociedades agrícolas

constituíram Estados e como estes foram centrais em suas lutas, inclusive na subordinação das sociedades de caçadores-coletores, pois Diamond afirma que o Estado foi fundado por uma “cleptocracia”, ignorando outras relações de reciprocidade e identidades que conformaram os Estados, assim pode-se perguntar: “como o Estado poderia ser tal ator poderoso (como mostrado por Diamante) se foi baseado em nada mais que o roubo legítimo de seus próprios cidadãos?”⁹ No modelo explicativo de Diamond, uma “guerra de todos contra todos” é o mais forte e duradouro padrão de interação entre os seres humanos, subestimando em muitos outros padrões de relação.¹⁰

Mark Cowell vai além, apesar de ser um pouco duro com o autor, pois como indicado anteriormente, o próprio Diamond reconhece a parcialidade da sua explicação, ao afirmar que: Diamond descuida completamente da cultura como uma força social, tratando a cultura como se fosse apenas fonte de idiosincrasias secundárias, em uma equação na qual os fatores ambientais explicam a maior parte das diferenças sociais.¹¹

Poderia-se contra-argumentar, como Webb, que a escala a que se refere o estudo de Diamond é o da longuíssima duração, e em tais “padrões macroecológicos da história humana” se faria mais presente à força dos condicionantes ambientais, e que no tempo conjuntural e no tempo dos eventos, os fatores sócio-culturais seriam mais fortemente percebidos.¹² Tal raciocínio vai ao encontro da obra de Fernand Braudel, entretanto, o gênio francês que legou o conceito fundamental de longa duração, também foi criticado por seu determinismo da longa duração, que subestima as conjunturas, os eventos e a força desnorteadora do acaso na história.¹³

Para além desta polêmica sobre o determinismo, o que mais chama a atenção de um historiador na obra é a pretensão de Diamond de fazer uma “história científica”, em uma crítica aos historiadores por serem “não-científicos”, pois a disciplina de história, geralmente “não é considerada uma ciência, mas algo mais próximo de humanidades. Na melhor das hipóteses, a história é classificada entre as Ciências Sociais e é considerada a menos científica”.¹⁴

Mesmo aqueles historiadores que situam a história como uma Ciência Social, tendem a discordar do caminho apontado pelo autor para produzir uma história mais científica, a saber: “tirar proveito da experiência dos cientistas em outras ciências históricas”, como a Biologia Evolutiva e a Geologia.¹⁵ A base epistemológica da qual parte o autor foi dada pelas Ciências Naturais não-experimentais, tais como a Astronomia e a Geologia. Nas palavras do autor: “O assunto deste livro é história, mas com uma abordagem científica – em particular, de Ciências Históricas como a Biologia da Evolução e a Geologia”.¹⁶

Por que o modelo das Ciências Naturais “históricas” seria o mais adequado para estudar os fenômenos humanos? Não se estaria retomando aqui as Ciências Naturais (mesmo que as Ciências Históricas, não-experimentais) como o modelo único de ciência? Desde o momento de formação das Ciências Humanas no século XIX, em especial com Dilthey, formaram-se duas correntes dentro das Ciências Humanas: aqueles que afirmavam que os fenômenos sociais poderiam ser apenas interpretados a partir de uma base metodológica própria das Ciências Sociais e aqueles que afirmavam que se pode explicar a sociedade a partir de uma aproximação com as Ciências Naturais, tomadas como modelo de cientificidade. Nas últimas décadas, vários autores, de Pierre Bourdieu a Anthony Giddens, tentaram superar esta dicotomia entre uma fenomenologia do social e uma física do social. Diamond, no entanto, passa ao largo deste debate, subestimando, em muito, as diferentes ordens de complexidade entre os sistemas vivos e os antropro-sistemas.¹⁷ Não apenas porque há propriedades emergentes diferenciadas nos dois tipos de sistemas ou por apresentarem tradições epistemológicas diferenciadas das Ciências Naturais (histórias ou não) e das Ciências Sociais, mas porque falta no autor uma reflexão da Ciência/História como algo inseparável de seu contexto histórico e social.

Entretanto, os historiadores poderão se beneficiar em muito com a leitura do trabalho de Diamond. A sociedade demanda, cada vez mais, por uma visão histórica da relação entre as sociedades humanas e os ambientes. O sucesso editorial do livro em parte, talvez, se explique por tal demanda. *Armas, Germes e Aço* é a análise de um aspecto desta relação entre seres humanos e ambientes, feita a partir de modelos teóricos da Biologia Evolutiva e da Biogeografia.¹⁸ Os historiadores, por sua vez, têm negligenciado esta demanda, estas perguntas que a atualidade faz ao passado.¹⁹

Se há limites em *Germes, Armas e Aço* estes se devem, em grande parte, ao “trabalho de Sísifo”, enfrentado pelo autor. O trabalho de um indivíduo como pesquisador isolado tentar a necessária transposição das fronteiras disciplinares, a fim de entender as inter-relações entre as sociedades humanas e seus ambientes. Por mais que em sua carreira Diamond tenha transitado por vários campos do conhecimento, como a Lingüística, a Biogeografia e a Biologia evolutiva e seja sem dúvida um intelectual de conhecimento enciclopédico, o trabalho necessário para se avançar na produção de uma visão história das inter-relações entre seres humanos e seus ambientes, demanda grupos de pesquisas que criem aparatos epistemológicos que consigam produzir pesquisas transdisciplinares.²⁰ Pois, se os modelos de análise das Ciências Naturais tendem a simplificar as variáveis sócio-econômico-culturais, não se pode ser arrogante em achar que os modelos de análise das Ciências Sociais não tenderiam a sim-